

Discurso na tomada de posse

Senhora Reitora

Senhora e Senhores Vice-Reitores

Senhora Pró-Reitor

Senhora Administradora

Senhores Diretores de Unidade

Senhores Professores

Caros Colaboradores

Queridos Estudantes, Presidente da AEFT

Minhas Senhoras e Meus Senhores

A história da Faculdade de Teologia confunde-se com a da própria Universidade Católica Portuguesa. A Faculdade de Teologia arrancava há precisamente cinquenta anos, sendo a primeira escola a abrir no campus da sede em Lisboa, nesse emblemático ano de 1968, tão cheio de juventude, aspirações e contrastes, apenas um ano depois que a Faculdade de Filosofia de Braga servira de embrião à nova Universidade. No ideário dos seus fundadores, a reabertura do ensino universitário da teologia em Portugal constituía um dos elementos mais urgentes do programa da Universidade Católica Portuguesa em que se empenhavam. E os nossos fundadores não estavam sós. Colocavam-se numa vigorosa e matricial linha de pensamento sobre o que uma Universidade é chamada a ser e que podemos reconhecer, por exemplo, naquilo que escreveu o atualíssimo Cardeal J.H. Newman, quando tratava a teologia como uma disciplina científica que «não apenas é parte, mas também condição dos outros saberes». Na verdade, sem o confronto com as verdades últimas do destino do homem e do mundo, a ciência ficaria apenas a tratar das verdades penúltimas e essa dramática redução, afirma Newman, equivaleria a aceitar que se retirasse a primavera do ciclo das estações do ano. Uma Universidade Católica não pode permitir que se confisque a primavera! De facto, as Universidades Católicas surgem para contrariar tanto o modelo de universidade napoleónica, que dominou o século XIX, destinada a formar os funcionários públicos debaixo de uma evidente pressão ideológica estatal, como a universidade utilitarista, que vem do século XX até ao presente, empenhada unicamente na transmissão qualificada de saberes para alimentar a

competição individual no campo do trabalho e das profissões. Percebe-se, com estes modelos de universidade, que as faculdades de teologia tenham sido perseguidas e encerradas, como foi o caso português da Faculdade de Teologia da Universidade de Coimbra, e a própria teologia seja considerada ainda por muitos um corpo estranho dentro do sistema científico. Não é esse o juízo de uma Universidade como a nossa. Na Constituição Apostólica *Ex-Corde Ecclesiae*, a magna carta que dá corpo às Universidades Católicas, afirma-se, no número 19, que «dada a importância específica da teologia entre as disciplinas académicas, cada Universidade deverá ter uma Faculdade ou, ao menos, uma cátedra de teologia» sustentando que a teologia, como ciência, «dá um contributo a todas as outras disciplinas na sua investigação de significado, ajudando-as não só a examinar o modo como as suas descobertas influirão sobre as pessoas e sobre a sociedade, mas também fornecendo uma perspectiva e uma orientação que não estão contidas nas suas metodologias». De facto, a Igreja espera que, numa Universidade Católica, a Teologia seja o criativo pivô de um diálogo interdisciplinar aberto e efetivo, sem preconceitos epistemológicos, contribuindo para cimentar uma visão humanista do conhecimento e da existência. A Teologia, por sua vez, não se pode auto representar como uma peça isolada, um círculo fechado em si mesmo, funcionando numa insularidade feita de especificidades, mas deve perceber que só ganha em assumir uma equivalência real e normal com aquilo que é próprio do regime universitário, abrindo-se sempre mais ao debate com as outras ciências, integrando novas plataformas colaborativas e inscrevendo-se ativamente como parceira em redes que a desafiem e complementem. A Teologia só se pode desenvolver e afirmar nessa prática de diálogos a que urge dar incremento.

A tarefa desta hora é, por isso, grande e inadiável, e não escondo a consciência de que a situação da nossa escola é marcada por uma fragilidade persistente. Desde logo, de consistência de meios humanos para garantir um trabalho universitário pleno e devidamente qualificado nos três centros, Braga, Porto e Lisboa que corresponde ao atual desenho da Faculdade, um trabalho que não se esgote simplesmente na dimensão letiva, mas se expresse com vigor numa investigação original e robusta, numa inscrição científica, cultural e eclesial indiscutíveis, numa alavancagem dos indicadores de produção

científica, numa capacidade de protagonizar novos processos de irradiação do conhecimento. Precisamos de reforçar o quadro docente e de tudo fazer para corrigir a situação de sobrecarga letiva que hoje esgota as possibilidades de muitos de nós. Mas não precisamos apenas de ser mais. Precisamos de nos organizar melhor, apurando o perfil do que significa trabalhar a teologia em contexto universitário, fazendo um esforço de convergência interna para garantir uma massa crítica com potencial, premiando justamente o talento e a dedicação, evitando a pulverização que nos dispersa. Contamos muito com os nossos dois centros de investigação, o CEHR, Centro de Estudos de História Religiosa, e o CITER, Centro de Investigação em Teologia e Estudos de Religião, como operadores de uma estação empenhada e especialmente fecunda, contribuindo para afirmar-nos como escola de referência e com ambição. Contamos com o IER, o jovem Instituto de Estudos de Religião, em boa hora nascido na Faculdade de Teologia e nela integrado, tendo depois como unidades parceiras outras três faculdades da UCP, para estender a ação da Faculdade de Teologia a uma nova área disciplinar, os Estudos de Religião, domínio que consideramos estratégico. É claro que o nosso objetivo só se cumpre plenamente naquele horizonte que, com a docência e investigação, constitui a missão de Universidade e de todos os seus componentes: falo do serviço, serviço à Igreja e à sociedade. O certo, porém, é que cumprimos esse objetivo tanto melhor, quanto mais o desenvolvermos com inteligência e projeto, cordialidade e sentido de comunhão, alicerçados numa vontade resiliente de estar à altura daquilo que nos é a todos pedido.

Guardei propositadamente a palavra «gratidão» para o final, porque é a mais importante nesta hora e a que mais deve ressoar. O humorista italiano Roberto Benigni diz que «expressar a gratidão com palavras moderadas é um sinal de ingratidão», porque a gratidão é um dos mais belos e necessários exageros humanos. A verdade, contudo, é que quando expressamos a gratidão com autenticidade sabemos que não há exagero nenhum, muito pelo contrário: tudo o que dissermos ainda é pouco face à realidade. Por isso, não é exagero reconhecer que o Professor João Lourenço deixa uma marca extraordinária na Faculdade de Teologia de que foi nestes anos *il miglior fabbro*, e transmite-nos um legado de entusiasmo, entrega e competência que

o futuro só poderá tornar sempre mais evidente. Obrigado, Professor João Lourenço, a sua Faculdade de Teologia continua a contar completamente consigo e espera ainda muito de si. E estas não são palavras de circunstância. No obrigado ao nosso Diretor-cessante endereço também a maior gratidão à equipa que trabalhou com ele, de modo particular aos diretores adjuntos, Professores João Duque e Adélio Abreu, pelo magnífico serviço prestado e que sentimos como dever aqui assinalar. Muito, muito obrigado. Mas queria expressar igualmente a minha gratidão, pela sua disponibilidade e sentido de missão, àquela parte da nova direção que toma hoje posse comigo, e é uma parte pois o processo de recondução ou entrada dos diretores adjuntos dos núcleos do Porto e de Braga acontecerá noutra momento, em tempos brevíssimos, assim o espero. Hoje, da nova direção, tomarão posse a Professora Ana Maria Castelo Martins Jorge, como Vice-Diretora, e os Professores Alfredo Manuel Matos Alves Rodrigues Teixeira, Domingos de Paiva Valente da Silva Terra e Alexandre Coutinho Lopes de Brito Palma, como vogais. Uma última palavra, mas que deveria ter sido a primeira, e também de gratidão à Senhora Reitora por este gesto de confiança em mim colocado para realizar esta missão, para a qual peço a inspiração e a força de Deus, a Quem nos confio. Que Deus nos ajude.

José Tolentino Mendonça